

Schelling: Da filosofia da identidade à filosofia da liberdade.¹

George Luís²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade, apresentar alguns pontos principais do pensamento de Schelling, pensador alemão do século XVIII. Tal filósofo foi um dos expoentes das correntes filosóficas de seu tempo: o romantismo e o idealismo. Sua trajetória filosófica se inicia com a influência de Fichte. Posteriormente ele rompe com o pensamento de seu mestre ao trabalhar a natureza e ao separar o eu do absoluto. A partir disso, Schelling, passa a falar da identidade do absoluto, até se chegar no que ele nomeia como Deus, resgatando para tal o pensamento spinoziano.

PALAVRAS-CHAVE: Absoluto; Romantismo; Idealismo; Identidade; Liberdade; Natureza.

RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter quelques points majeurs de la pensée Schelling, penseur allemand du XVIIIe siècle. Un tel philosophe était l'un des exposants des courants philosophiques de son époque: le romantisme et l'idéalisme. Sa trajectoire philosophique commence par l'influence de Fichte. Ensuite, il rompt avec la pensée de son maître en travaillant la nature et en séparant le moi de l'absolu. De là, Schelling, il parle de l'identité de l'absolu, jusqu'à ce qu'il atteigne ce qu'il nomme Dieu, en sauvant pour cette pensée Spinoziano.

MOTS CLÉS: absolu; Romantisme; Idealismo; Identité; Liberté; Nature.

INTRODUÇÃO

Nascido na Alemanha do século XVIII Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling desenvolveu seus pensamentos em um contexto permeados de diversas influências. Os ideais iluministas, a revolução francesa, que por sinal foi um divisor de águas, o romantismo e o idealismo, correntes das quais ele foi um expoente, são pontos principais do seu contexto. Discípulo de Fichte, Schelling, parte do pensamento de seu mestre, não permanecendo, porém, por muito tempo, e resgata a filosofia spinoziana para formular as suas teses.

Ao partir do eu e do não-eu fichtianos, o filósofo alemão questiona o que viria antes. Com tal questionamento ele passa a percorrer um caminho da sua filosofia da identidade até chegar a filosofia da liberdade. O absoluto será a grande chave de compreensão de seu pensamento. O que Spinoza chamou por substância divina, Schelling nomeia como o absoluto e posteriormente Deus.

¹ Trabalho apresentado ao professor Adhemar como requisito parcial da disciplina Filosofia Moderna II.

² Acadêmico do 5º período do curso de Filosofia, 2017 – Seminário Maior Imaculado Coração de Maria / Departamento de Filosofia.

Uma outra problemática a que ele chega é de como seria a passagem do absoluto para o contingente. A derivação não teria sido dada de forma lógica. Assim ele dá a natureza do absoluto, de Deus, dois atributos: a liberdade e a vontade. A partir disso que ele formula a sua filosofia da liberdade, respondendo, a seu modo, como se daria o surgimento da natureza a partir do absoluto. Um outro aspecto importante a se ressaltar é a importância dada pelo filósofo à arte. A obra de arte seria a obra do gênio. Somente através dela é que se daria o contato com o absoluto. Seria assim, o meio pelo qual o homem poderia chegar a Deus.

1. CONTEXTO HISTÓRICO FILOSÓFICO

1.1 Sobre Schelling³

Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, nasceu na cidade de Leonberg, Alemanha, no dia 27 de janeiro de 1775. Iniciou os seus estudos na escola do Mosteiro de Bebenhausen. Deu prosseguimento aos seus estudos no seminário teológico da mesma cidade. De família protestante, teve sua educação, influenciada pelo pai, orientada para a vida sacerdotal. Foi colega de curso de outras duas grandes personalidades do pensamento alemão, Hegel, filósofo, e Holderlin, poeta.

Schelling não se encontrava alheio a seu tempo, daí a forte influência da Revolução Francesa em seu pensamento, não comparado, entretanto, aos efeitos causados na filosofia fichtiana. Em um primeiro momento, o filósofo alemão se viu adepto dos pensamentos defendidos por Fichte⁴. Depois, porém, ele rompe com a filosofia fichtiana, tomando rumos diferentes e retomando o pensamento de Baruch Spinoza.

Em sua carreira na docência, passou pela Universidade de Jena, onde lecionou de 1798 até o ano de 1803, quando se transferiu, após se casar, para a Universidade de Wurzburg. Após cerca de três anos lecionando nessa universidade, foi chamado a exercer os cargos de secretário da Academia de Artes e de associado da academia de ciências, ambos em Munique. De 1820 a 1827 lecionou em Erlangen, após esse período retorna a Munique. Em 1841 é convocado pelo

³ Informações bibliográficas retiradas da “História das grandes ideias do mundo ocidental” da coleção “Os pensadores” do ano de 1972.

⁴ Filósofo alemão. Foi patrocinador de um sistema de idealismo transcendental de peso, o Wissenschaftslehre, que exerceu papel essencial no desenvolvimento da filosofia pós-kantiana. Nascido na Saxônia, Fichte estudou em Jena e Leipzig. Foram os escritos de Kant que o levaram a abandonar o determinismo metafísico e a abraçar o idealismo transcendental como “o primeiro sistema da liberdade humana”. [...] A influência considerável de Fichte não ficou limitada à sua conhecida influência sobre Schelling e Hegel [...]. Ele é importante também na história do nacionalismo alemão e influenciou profundamente os primeiros românticos, especialmente Novalis e Schlegel. (AUDI, 2006, p. 333-334).

soberano, Frederico Guilherme IV, para ao lecionar, em Berlim, contrabalancear o, então, crescente pensamento hegeliano. Contudo teve suas tentativas frustradas. Assim se encerrou sua carreira na docência. Veio a falecer em Ragaz, no dia 20 de agosto do ano de 1854.

Schelling foi um dos expoentes do romantismo e do idealismo alemão. Tem por principais obras: “O Sistema do idealismo Transcendental”; “Representação do meu Sistema” (primeira fase, filosofia da identidade); “Filosofia e Religião”; “Pesquisas Filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana e os Objetos Conexos com esta” (segunda fase, filosofia da liberdade).

1.2 O romantismo

Trazendo consigo um pensamento divergente ao racionalismo, que dominava até então, surge, por volta do século XVIII, o Romantismo. De caráter artístico, político e filosófico, exerceu grande influência nos pensadores desse período, e, conseqüentemente, nos posteriores. No campo político houve um dos eventos basilares para o período, a Revolução francesa, que trouxe também consigo mudanças na perspectiva filosófica. Tal evento, trouxe, a seu modo, influências também na Alemanha, e, de certa forma, em todo mundo ocidental.

O romantismo trazia consigo um desejo de retorno aos clássicos, a um pensamento que havia, supostamente, ficado esquecido devido ao ápice do racionalismo. Segundo Giovanni Reale (2005), uma característica comum aos românticos, seria uma condição constante de conflito interior, não se encontrando, assim, com satisfação, sempre aspirando a um algo a mais. Todo homem romântico possuiria, de tal forma, o desejo de infinito. Uma fuga constante do real. Na perspectiva romântica, a filosofia deveria revelar a relação do infinito com o finito e a arte realizar tal relação. Trazia também consigo um pensamento que possuía como cerne o indivíduo.

A natureza assume um papel primordial, sendo a fonte criadora permanente de tudo, o grande organismo. Perspectiva bastante notada no pensamento de Schelling. Assim os românticos viam na natureza o absoluto, de certa forma a substância criadora. Outro ponto ressaltado por Reale (2005) é o desejo incessante por liberdade que marca profundamente o pensamento romântico, que seria para muitos a expressão do fundamento da própria realidade. O romantismo teve seu início na Inglaterra, porém, na Alemanha, particularmente, teria impulsionado o processo de unificação nacional com um movimento chamado de Sturm und Drang (tempestade e ímpeto).

1.3 O idealismo⁵

De maneira quase que simultânea ao romantismo, surge, também, uma corrente filosófica chamada de idealismo, de forma específica o alemão. São movimentos que possuem uma relação entre si. “Todo idealismo, portanto, é filosofia romântica” (REALE, 2005, p.14). Segundo Humberto Padovani e Luís Castagnola (1964) o idealismo clássico alemão depende de dois pensadores anteriores a ele, Kant⁶ e Spinoza⁷. Em linhas gerais o idealismo alemão:

[...] Emergiu como um projeto filosófico, que tomava para si a tarefa de unificar a unidade e a multiplicidade através de uma estrutura racional produtora de leis e conceitos gerais capazes de constituir os padrões universais da realidade, fundados na autonomia do sujeito. Nesse sentido, o Idealismo Alemão se inicia na segunda metade do século XVIII, onde nos encontramos com um dos mais notáveis florescimentos da especulação metafísica, que aparecem na história da filosofia ocidental, apresentando uma sucessão de sistemas de original interpretação da realidade, da vida humana e da história, que possuíam uma grandeza inquestionável e que eram capazes de exercer sobre as mentes um peculiar poder de fascinação, cada um dos pensadores dirigentes deste período, possuía a intenção de resolver o enigma do mundo, de revelar o segredo do universo e o significado da existência humana, sendo seu ápice na primeira metade do século XIX (SANTOS,2006, p.19-20)

Os pensadores ligados ao idealismo alemão possuíam o desejo de produzir grandes sistemas filosóficos baseados em leis que supostamente seriam imutáveis, irrefutáveis e perfeitas. Assim eles acreditavam na possibilidade de existência de uma verdade universal que regeria todo o universo e que a partir dela tudo poderia ser explicado de forma satisfatória e definitiva. Buscavam, assim, expressar a realidade em sua totalidade de forma concreta.

2.A FILOSOFIA DA INDENTIDADE

Schelling, como supracitado, foi influenciado pelas correntes de pensamento de sua época: o idealismo e o romantismo. E de forma especial, em um primeiro momento, é considerado como discípulo de Fichte. Sua filosofia pode ser dividida em duas etapas

⁵ Doutrina filosófica de que a realidade é de algum modo correlata com a mente ou coordenada pela mente – que os objetos reais que constituem o “mundo externo” não são independentes de mentes cognoscentes, mas só existem de alguma maneira correlativa a operações mentais. A doutrina está centrada na concepção de que a realidade tal como entendemos reflete o trabalho da mente. Talvez a sua versão mais radical seja a antiga ideia espiritualista ou pan-psiquista oriental, renovada na Ciência Cristã, de que as mentes e seus pensamentos são tudo o que existe – a realidade é simplesmente a soma total das visões (ou sonhos?) de uma ou mais mentes.

⁶ Dele depende todo o pensamento posterior, particularmente o idealismo clássico alemão, que desenvolve o conceito de criatividade do sujeito, de síntese *a priori*, de autonomia do espírito, para uma forma de monismo imanentista, em que toda a realidade se resolve nos limites da experiência, e esta é totalmente produzida pelo espírito.

⁷ Este filósofo é arrancado do desprezo e do esquecimento em que jazia, e o seu pensamento encaminha decisivamente o idealismo para a trilha do monismo imanentista, para o qual já fora orientado por Kant. Todos os filósofos idealistas [...] dependem, mais ou menos, de Spinoza, bem como dele dependem artistas, literatos e poetas, com Goethe à frente.

essenciais⁸: A filosofia da identidade e a filosofia da liberdade. Seu pensamento, como dito, é fundamentalmente idealista: o espírito, o sujeito e, o eu, são o princípio de tudo. Ele visava assim, como os idealistas encontrar um sistema que fosse tido como universal.

Como discípulo, apesar de somente na sua fase inicial, afirmava que a natureza seria uma produção necessária do espírito, negava, porém, a ideia fichtiana de que a existência da natureza seria unicamente relativa ao espírito. Acerca disso a “História das grandes ideias do mundo ocidental” da coleção “Os pensadores” traz que:

Schelling, ao contrário, passou a insistir na ideia de que a natureza é tão real e tão importante quanto o eu. E afastou-se ainda mais de Fichte, quando afirmou ser a natureza e a objetividade aquilo que fornece à consciência o material que, por sua vez, reproduz. Originalmente, a consciência e a natureza seriam uma só unidade infinita; mas a consciência limitar-se-ia a si mesma e apresentar-se-ia a si mesma como finita e diferente da natureza. A essência do eu é o espírito, a da natureza é matéria e a da matéria é a força. No conceito de força, Schelling identifica o terreno comum entre a natureza e o eu. Enquanto atração, a força é vista por Schelling como objetiva, natural e material; enquanto repulsão, é subjetiva e espiritual: é o eu. (CIVITA, 1972, p.519)

Apesar dessas suas afirmações, para ele a natureza e o espírito possuíam uma certa ligação, um ponto em comum. O filósofo concebia a natureza enquanto o espírito em fase de consciência obscura e o espírito a natureza em fase de consciência clara. Com isso ele passa a buscar a origem em algo que seria anterior ao eu e ao não-eu fichtianos, ou seja, uma identidade absoluta do eu e do não-eu, sujeito e objeto, espírito e natureza.

Assim o que se chama de filosofia da identidade, segundo Bernadette Siqueira Abraão (1999), consistiria no abandono definitivo da perspectiva aberta por Fichte, desvinculando, com isso, o eu do absoluto. Assim “este é a razão, a identidade ou indiferença de sujeito e objeto, liberdade e natureza, infinito e finito” (ABRÃO, 1999, p.346). Para Schelling ainda, a natureza seria espiritualidade latente, podendo se demonstrar isso através da sua própria imanente racionalidade. A partir do surgimento da sensibilidade têm-se o nascimento, no universo, do que ele chama de consciência espiritual. Têm-se com isso o desenvolvimento do espírito humano, que se dá de forma progressiva, sendo, ao seu modo, uma continuação do progresso da própria natureza.

Essa identidade absoluta, esse ponto de unidade entre natureza e espírito, essa origem comum, só poderia ser apreendida através da obra de arte, que seria, para Schelling a obra do gênio. Vê-se assim a exaltação feita pelo filósofo às obras de arte, ou seja, à intuição estética

⁸ Pode ser feita a divisão em outras perspectivas, ressaltando outros pontos, entretanto para o presente trabalho utilizar-se-á do modo explicitado no texto acima.

do artista. “Nas obras artísticas ficam anuladas todas as oposições e exprime-se, da maneira mais pura e completa, a identidade dos contrários no seio do absoluto” (CIVITA, 1972, p.522).

3.A FILOSOFIA DA LIBERDADE

O pensamento schellinginiano não se atém somente ao que se chama de filosofia da identidade. Ele passa a questionar em como o absoluto teria produzido todas as demais coisas, a partir de que, e de que forma. Para responder tal questionamento ele desenvolve a filosofia da liberdade:

A última fase do pensamento de Schelling (que se estende desde 1809 até sua morte, em 1854) caracteriza-se pela integração do problema do pensamento religioso dentro de uma filosofia mais ampla do que o sistema de identidade, embora o inclua. Nessa fase do pensamento de Schelling, assume grande importância a ideia de que o mundo finito existe como algo separado do absoluto, do qual se desprende, mas aspira à reincorporação no absoluto, através da evolução da natureza e do desenvolvimento histórico. (CIVITA, 1972, p.522)

Nesta fase é possível notar a influência do pensamento spinoziano, que tratava o absoluto como a substância que estava presente em tudo. Para Schelling não se poderia conceber a natureza sendo derivada de forma lógica do absoluto. Ele propõe, então, um certo ato voluntário do absoluto, que ele passa a chamar de Deus, a partir do qual passa-se do uno a multiplicidade, do infinito ao contingente. E que depois passa a fazer um movimento de retorno, que ele nomeia como movimento de redenção, a partir do qual Deus redime a natureza e até mesmo a si próprio.

Para ele Deus consistiria na vontade inconsciente que aspira à racionalidade, à própria auto-revelação. Ainda segundo o filósofo existiriam ideias eternas e imutáveis que participam da natureza divina que é liberdade e vontade. Essas podem decair no mundo contingente. Tal queda é o ponto constitutivo do mundo real e de todo mal existente nele. Através da história da humanidade e da natureza é que se realizaria o movimento redentor, já supracitado, de retorno da multiplicidade ao uno, das coisas para Deus.

CONCLUSÃO

Em suma, ao traçar o seu caminho filosófico Schelling, retornando ao pensamento de Baruch Spinoza, tenta resolver uma das problemáticas existentes em seu contexto filosófico. Ao separar o absoluto do eu fichtiano, ele o nomeia como Deus, que seria o ponto inicial e o ponto ao qual todas as coisas da realidade tendem. Este seria assim o princípio e fim de tudo. As coisas surgiram de uma queda das ideias perfeitas e imutáveis que fazem parte da natureza divina, que é liberdade e vontade. Ao surgir multiplicidade, através da história da humanidade

e da natureza, seria feito um movimento de regresso ao uno, movimento este intitulado de redentor. Este seria o papel fundamental da filosofia: buscar meios para que este retorno aconteça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **História da filosofia.** org. Bernadette Siqueira Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- CIVITA, Victor. **História das grandes ideias do mundo ocidental.** São Paulo: Abril, 1972. Coleção Os Pensadores.
- PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luís. **História da filosofia.** ed.6. São Paulo: Melhoramentos, 1964.